

APRESENTAÇÃO

Alexandre Herbetta

Mariano Baez Landa

Redes de Interaprendizagem: novas cartografias interculturais e algumas propostas de transformação

O dossiê aqui apresentado é fruto de uma rede de colaboração, aproximação e amizade formada por docentes e discentes, indígenas e não indígenas, lideranças e ativistas que se vinculam ao debate e à ação nos campos da interculturalidade crítica, nos processos de contra colonização e na consolidação de metodologias participativas na América Latina. Trata-se de um precioso processo de interaprendizagem.

Esta rede de colaboração tem como espaços geradores o Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena (NTFSI), da Universidade Federal de Goiás, que conta com cerca de 300 docentes pertencentes aos povos originários, mais de 100 egressos indígenas em nível de graduação e mais 100 de pós-graduação, assim como o Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropologia Social (CIESAS), importante instituição de ensino e pesquisa no México.

Nesta rede, destacam-se igualmente outros Cursos de Licenciatura Intercultural Indígena no Brasil, como o da Universidade Federal do Amapá, da Universidade Federal de Santa Catarina e da Universidade Federal do Acre. Outros espaços referenciais na América Latina, no campo da interculturalidade, como a Universidade de Santiago/Chile (USACH) e a Universidad Veracruzana Intercultural/México (UVI), as quais participam e indicam aportes, limites, desafios e avanços sobre a questão indígena. E, também, projetos desenvolvidos com base em premissas similares como o Milpas Educativas: Laboratórios Socionaturales para el Buen Vivir, que atua junto a dezenas de

populações originárias de alguns estados mexicanos como Puebla, Oaxaca, Chiapas e Michoacán, com base no Método Indutivo Intercultural, elaborado e desenvolvido por Jorge Gasché e Maria Bertely, grandes referências no campo em questão.

Reunimos, aqui, um conjunto de contribuições de parte desta rede, as quais configuram uma cartografia da interculturalidade latino-americana, constituída por projetos educacionais e de comunicação surgidos em contextos interétnicos e interculturais que apresentam suas experiências e refletem coletivamente sobre temas como diferença, colonialidade, violência, bem viver, direito e autonomia, relacionados a aspectos políticos, filosóficos, epistêmicos, ontológicos e pedagógicos.

Para Martins, é adequado estimular a atuação de

intelectuais em redes transnacionais voltadas para a produção de cartografias que permitam melhor entender os impactos do capitalismo global sobre os modos de organização do poder e sobre os processos e as políticas sociais nos planos nacional e local, e que devem ser incrementadas para reverter o quadro de deterioração dos regimes democráticos (MARTINS, 2019, p.5).

Esta cartografia vem sendo sistematizada e apresentada em eventos internacionais realizados na América Latina, nos últimos 5 anos, como a Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), em 2015, realizada em Montevideú/Uruguai; o congresso da Associação Latino Americana de Antropologia (ALA), em 2017, realizado em Bogotá/Colômbia; e o 3º Congresso dos Povos Indígenas da América Latina (CIPIAL), em 2019, realizado em Brasília/Brasil. Parte dela vem sendo publicada em livros e revistas como o livro “Educação Indígena e Interculturalidade: um debate epistemológico e político”, organizado por Mariano Báez Landa e Alexandre Ferraz Herbetta (https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook_educacao_indigena.pdf) e um dossiê publicado na Revista “Articulando e Construindo Saberes”, organizado por Alexandre Herbetta (<https://www.revistas.ufg.br/racs/issue/view/2117>).

O primeiro texto do dossiê, Alexandre Herbetta e Mariano Baez Landa, trata da potencialidade presente na metodologia da cartografia, que aponta para a emergência de novas bases epistêmicas, constituídas em dinâmicas colaborativas, as quais se tornam base de novos métodos de pesquisa e de novas possibilidades de se entender o território, a universidade e o mundo. Em seguida, o texto de Sergio Caniuqueo Huircapan, intitulado “Antagonismo territorial, tensão produtiva para pensar o colonialismo chileno” trata da questão central de tais propostas

contra-hegemônicas, qual seja o território. O autor apresenta concepções territoriais Mapuche e não indígenas e o embate entre elas na ocupação territorial.

Sheila Baxy Pereira de Castro Apinajé em “Mea e a luta contar o avanço do coronavírus entre os Apinajé” tem, igualmente, foco em seu território. A autora apresenta a mobilização e organização de seu povo contra o avanço da Covid-19 entre os Apinajé no Tocantins/Brasil. Na mesma direção Jacqueline Isabel Ledesma Correa no texto “Multiculturalismos, procesos de comunicación intercultural y derechos humanos en los itinerarios de atención en salud del pueblo Iny que vive en el municipio de Aruanã” apresenta maneiras de se lidar com a doença em um território particular, o dos Iny Karajá.

Em seguida o dossiê apresenta a escola e instituições educativas como espaços de transformação. No texto “Mal entendidos e tradução: uma experiência em sala de aula com o conceito de cultura”, Mariana Ciavatta Pantoja foca sua análise em novas práticas pedagógicas em um Curso de Educação Intercultural na Universidade Federal do Acre/Brasil, refletindo sobre a atuação destes cursos na formação de indígenas, assim como Ana Maria Magalhães de Carvalho em “Escola Intercultural Itinerante Charrúa (ESICHAJ): estratégias de formação e capacitação interna do povo Charrúa no Uruguai” apresenta uma possibilidade de escola como estratégia de luta Charrúa no Uruguai. Na mesma direção, Maria Luisa Pineda apresenta transformações importantes em uma escola indígena no estado de Oaxaca/México. A autora, intelectual zapoteca, toma como base o Método Indutivo Intercultural criado por Jorge Gasché e Maria Bertely e descreve processos contra-hegemônicos em direção a uma escola contextualizada.

Fica evidente nos textos apresentados a importância do protagonismo indígena. Em “Redes afro-indígenas: uma análise de trajetórias acadêmicas através de um olhar intercultural”, por exemplo, Marta Quintiliano, Letícia Jôkâhkwy e Vanessa Oliveira focam na relação entre suas trajetórias acadêmicas e o território acadêmico. As autoras problematizam, então, a possibilidade de outros corpos e saberes na universidade. Na mesma direção, Ercivaldo Damsôkêkwa Calixto Xerente, em “Complexidade da Gestão Escolar Indígena: Apontamentos Particulares” reflete sobre o protagonismo indígena em relação a políticas públicas que incidem nos territórios indígenas. O autor trata especificamente do campo da educação escolar no território Xerente no Tocantins/Brasil e indica a importância do protagonismo indígena na formulação e execução das políticas.

Por fim o dossiê evidencia a importância e a potencialidade de outros gêneros de expressão em movimentos contra-hegemônicos, como se dá na literatura, como nos apresenta Marcilea de Freitas em “Relato de experiências com o Projeto Palavra pulsante: tecendo aprendizagens por meio da Literatura Indígena”. E Mariano Baez Landa em “O audiovisual

participativo como metodologia libertadora” que nos mostra experiência bastante interessante de produção audiovisual compartilhada realizada em Veracruz/México.

O dossiê finaliza com a proposta de Yermollay Karipoune, em “Adamnã: desenho-pintura-escrita”, que problematiza o suporte da escrita como meio de expressão hegemônico e nos mostra imagetivamente, por meio de sua arte contemporânea, concepções centrais da epistemologia e do território Karipuna.

Referencias bibliográficas

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *El tonto y los canallas: notas para un republicanismo transmoderno*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2019.

MARTINS Paulo Henrique. Sociologia na América Latina: giros epistemológicos e epistêmicos. *Revista Sociedade e Estado*, v. 34, n. 3, set./dez. 2019.

VITARELLI, Marcelo Fabián. *Pensar las prácticas pedagógicas en el sur*. Buenos Aires: Editorial Autores de Argentina, 2017.